

Estado de São Paulo precisa do dobro de residências terapêuticas para se livrar dos manicômios

Ainda existem 52 hospitais psiquiátricos e 9,3 mil pessoas internadas. Dessas, quase a metade, 4,4 mil, são pessoas que moram nos hospitais. Antes da reforma psiquiátrica, São Paulo tinha quase 16 mil leitos, distribuídos em 63 hospitais psiquiátricos.

Por Julia Arraes

Edvaldo nos convida a entrar em sua casa. Há pouco mais de um ano, ele mora na Residência Terapêutica Ermelino Matarazzo, na Zona Leste da capital paulista. Antes disso, passou por algumas internações no Hospital Psiquiátrico João de Deus e também morou na rua. Do hospital, lembra-se principalmente da falta de liberdade e da sujeira. Da rua, ele conta as histórias de brigas e de violência. De nada disso Edvaldo tem saudades.

As residências terapêuticas, previstas na lei da Reforma Psiquiátrica de 2001, são um espaço criado para as pessoas com transtornos mentais que não têm para onde ir após saírem dos hospitais psiquiátricos. Junto com outros serviços da Rede de Apoio Psicossocial e outros serviços, elas são o caminho para o fechamento dos hospícios.

São Paulo precisaria do dobro de residências terapêuticas existentes para conseguir se livrar completamente dos manicômios. Atualmente, existem apenas cerca de 200 residências em todo o estado, que não dariam conta para as 4,3 mil pessoas com transtornos mentais que ainda vivem enclausuradas.

Por mais de 20 anos, João Penha foi uma dessas pessoas. Saiu de Itabira, em Minas Gerais, depois do primeiro surto, e foi parar nas ruas da capital paulista. Acabou sendo internado no extinto Hospital Psiquiátrico Charcot, onde passou boa parte da vida. Há oito anos, no entanto, ele vive na residência terapêutica e celebra cada sinal de liberdade. João, agora, pode escolher a hora em que vai dormir e frequenta restaurantes do bairro. Os pratos preferidos são virado à paulista ou arroz cubano.

Além das mudanças na estrutura do tratamento, um dos principais objetivos da reforma psiquiátrica é quebrar paradigmas. Uma das principais propostas é dar autonomia às pessoas com transtornos mentais.

A reportagem da CBN esteve no hospital João de Deus, na Zona Norte de São Paulo, e encontrou uma situação já diferente do passado. Mas apesar do tratamento humanizado e do ambiente limpo, a segregação ainda é a principal marca do lugar.

Para chegar até a ala das pacientes com transtornos mentais, é preciso passar por pelo menos quatro portas, que ficam trancadas com chaves.

Aline de Jesus, de 20 anos, foi internada pela primeira vez no hospital há oito dias. Desde então, a mãe dela, Maria de Jesus, cruza a cidade para visitá-la, diariamente. O encontro é de apenas uma hora, na cantina. E Maria diz que conta os minutos que se levar a filha de volta pra casa.

Depois da morte dos pais, Ricardo de Melo começou a apresentar os primeiros sinais da esquizofrenia. Ele ficou internado em uma clínica particular durante um ano, mas ao sair os surtos voltaram. Aos poucos, a sua irmã Denise Pólvora começou a entender que estar em casa e perto da família era tão importante para ele quanto tomar os remédios na hora certa.

Além do número escasso de serviços de apoio psicossocial, eles também estão mal distribuídos e concentrados nos municípios maiores.

A coordenadora de Saúde Mental do estado de São Paulo Rosângela Silveira admite que muito mais poderia ter sido feito se não fosse a lógica manicomial que ainda perdura no estado.

Enquanto a cultura não muda, as quase 10 mil pessoas internadas nos hospitais psiquiátricos em São Paulo tentam viver com dignidade. A lei da reforma psiquiátrica completa 15 anos com poucos avanços e com grandes desafios.

Para ouvir o áudio da notícia, acesse:

<http://cbn.globoradio.globo.com/series/reforma-psiquiatrica-15-anos-depois/2016/06/30/ESTADO-DE-SAO-PAULO-PRECISA-DO-DOBRO-DE-RESIDENCIAS-TERAPEUTICAS-PARA-SE-LIVRAR-DOS-MAN.htm>